

Editorial

Um convite

O papel social do projeto é ainda a temática do volume 2 do ano de 2020, orientando o olhar, primordialmente, para questões da habitação e para o valor dos atores sociais, cuja categoria “política” cumpre uma ética que convida o(a) arquiteto(a) a assumi-la.

Na confluência de interesses e intenções entre o campo disciplinar da arquitetura e urbanismo e atores sociais, o projeto, além de suas virtudes técnicas e estéticas, ganha singularidade no campo social, se faz transdisciplinar e remete a uma ação projetual modificada pela experiência social e por sua participação.

A alternativa de passar a ver de outro modo o exercício disciplinar exige postura crítica. E um deslocamento no discurso e na forma que, assim, podem amparar o cotidiano que envolve recintos de moradia, trabalho e qualidade de espaço público, mas, também, corpo, apropriação, pertencimento.

A natureza do desafio é da ordem da “desgeneralização”¹ dos pressupostos. E do desconstruir do positivismo no processo de trabalho do arquiteto: o enfrentamento de uma atuação ensimesmada, para lograr uma práxis distinta daquela exclusiva da técnica e das conotações metodológicas recorrentes.

Fica, portanto, o convite à inclusão do “outro” e ao compartilhamento da experiência, cuja lógica, singular, produz heterogeneidade, pluralidade, diferença.

Maria Isabel Villac

1 Me aproprio da expressão proposta por Helena Angotti Salgueiro em “Introdução à edição brasileira” do livro **Padrões de Intenção: a explicação histórica dos quadros**, de Michael Baxandall (1985), São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp. 9-23.